ADEMIR PASCALE
ORGANIZADOR

POEMAS AO PÔR DO SOL

VOL.IV

SELO CONEXÃO
LITERATURA

ORGANIZADOR

ADEMIR PASCALE

Copyright © por Autores
Projeto editorial por Ademir Pascale
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos autores
Obra protegida por direitos autorais
Este e-book é parte integrante
da Revista Conexão Literatura
ISBN: 978-65-00-90463-5
2024
Patrocínio:
www.revistaconexaoliteratura.com.br

SUMÁRIO

CLIQUE SOBRE O TÍTULO DO TEXTO DESEJADO

TEMPO DE NATAL, POR A. RODRIGO MAGALHÃES, PÁG. 05
MELANCOLIA NOTURNA, POR ARTHUR RIOS PINTO, PÁG. 08
CONSELHO CURTO PARA VIDA, POR ARTHUR RIOS PINTO, PÁG. 10
CONSCIÊNCIA, POR ARTHUR RIOS PINTO, PÁG. 12
MELODIA DA SOLIDÃO, POR CLARICE ZUFFO, PÁG. 14
SOB O VÉU DO LUAR, POR DARK FILOSÓFICO, PÁG. 16
LIBERDADE, POR ETELVINO PILONETTO, PÁG. 18
OS AMANHÃS, POR GABRIELA CARMO, PÁG. 20
FONTE (OUTONO), POR GABRIELA CARMO, PÁG. 24
CANETA COMPARTILHADA, POR GERENILDA NOGUEIRA, PÁG. 27
ANGÚSTIAS, POR ILKA MEIRELES, PÁG. 29
PARA NÃO DIZER QUE NÃO TE AMO, POR ILKA MEIRELES, PÁG. 31
O AMOR, POR ILKA MEIRELES, PÁG. 33
DOCE INFÂNCIA, POR ILKA MEIRELES, PÁG. 35
SABIÁ NOSTÁLGICO, POR MIRIAN MENEZES DE OLIVEIRA, PÁG. 37
NO RITMO DA BOSSA, POR MÔNICA DE AGUIAR ROCHA, PÁG. 39
EM MEIO ÀS NUVENS, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 41
LEMBRANÇA, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 43
ENFIM LIVRES, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 45
EXTREMOS, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 48
CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO, PÁG. 51

VISITE: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR
WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA
WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA
WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD

POEMAS AO PÔR DO SOL

VOL.IV

APRESENTAMOS O POEMA

TEMPO DE NATAL

Por A. Rodrigo Magalhães

Atanilson Rodrigo Magalhães, nasceu em 28 de janeiro de 1985, na cidade de Ipatinga, estado de Minas Gerais. É formado em Bacharel em Engenharia Química, com Pós-graduação em Geotecnia Ambiental e Estrutural. No momento está cursando Pós-graduação em Bioquímica. Atualmente é funcionário público federal da ECT, no cargo de Agente de Correios - Carteiro. Desde novo, sempre teve interesse em literatura, tendo lido até hoje os mais variados títulos e autores. Sempre teve um fascínio pela sonoridade de sentimentos que a escrita é capaz de transmitir por meios de poemas e poesias.

Mais um ano se finda.
Tão breve predispõe um recomeço.
Tudo começa a se evidenciar ao nosso redor:
Cores, luzes, sensações, sentimentos, emoções...
Tão estranho isso!
Tão comum isso!
Por que será que nessa época
As coisas tomam outra proporção?
O comportamento humano muda.
Luz se irradia no rosto das crianças...
Seria a magia do Natal?!
Ah Natal!
Tu que és aguardado no findar de um ciclo!
Por favor, me responda!
Será mesmo que tens esse poder?
De tocar na alma e no coração?!
De gerar transformação?!
De conceder à alma o perdão?!
De expressar na face fascinação?!
(...)
Ah Natal!
Não ouço a tua resposta!
Quer saber?! Não importa.
Mesmo que me responda ou não!
Não é necessário.
Porque é tão nítido ao nosso olhar:
Ruas sendo iluminadas,
Árvores sendo enfeitadas,
Familiares e amigos se confraternizando,
Reencontros inesperados,
Risos e gargalhadas que ecoam pela madrugada,
O afeto que se expressa ao trocar de presentes,

O agradecimento pela fartura do pão,
E pela presença dos entes queridos;
Que nessa época desperta no ser humano
Amor, compaixão, ternura, empatia...
A esperança de um melhor por vim,
A amizade num abraço apertado,
A felicidade na leveza de um sorriso dado,
A sinceridade que se irradia num olhar,
O amor do zelo, afeto e ternura a quem precisar!
É tempo de Natal!
É tempo de estreitar os laços!
É tempo de desfazer os nós!
É tempo de novas atitudes!
É tempo de um recomeço!
É tempo de amar, cuidar e perdoar!
É tempo de ser mais humano.

APRESENTAMOS O POEMA

MELANCOLIA NOTURNA

Por Arthur Rios Pinto

Arthur Rios Pinto, aos 21 anos, destaca-se como estudante dedicado de odontologia, nascido e criado no estado do Maranhão. Sua paixão pela arte da escrita permeia seus dias, revelando um aspirante a escritor comprometido com a expressão criativa. Com uma mente inquisitiva e apaixonada por histórias, Arthur busca transcender as fronteiras da odontologia, vislumbrando um futuro onde suas palavras e narrativas impactam e inspiram.

Uma melancolia noturna, amor
É o que sinto
Reflexão do tempo vivido, vinde Arrependimentos
Confusão necessária, inspiração fácil
É o que sinto
Música, poemas antigos
Saudade
É o que sinto
Sinto vontade
Vontade de não sei o que
Melancolia noturna, amor
É o que sinto

APRESENTAMOS O POEMA

CONSELHO CURTO PARA VIDA

Por Arthur Rios Pinto

Arthur Rios Pinto, aos 21 anos, destaca-se como estudante dedicado de odontologia, nascido e criado no estado do Maranhão. Sua paixão pela arte da escrita permeia seus dias, revelando um aspirante a escritor comprometido com a expressão criativa. Com uma mente inquisitiva e apaixonada por histórias, Arthur busca transcender as fronteiras da odontologia, vislumbrando um futuro onde suas palavras e narrativas impactam e inspiram.

Senta aqui meu filho,
Aquieta-te a alma por alguns instantes...
O que tens a ouvir agora tornarás, no teu futuro, o moinho do mundo mais lento...

Para ti ,que és criança, a vida é sopro de uma menina que acaba de comer doce.
É tão leve... E não pense que por crescer, ela será mais pesada; não, ela continuará leve,
Leve como o sopro de uma menina que acaba de comer doce.

O que acontece é que os adultos esquecem de tudo, meu filho. A sobriedade que se faz forçosa em vida, enlouquece a qualquer um que se ponha à prova. Mas na verdade, para viver sóbrio neste mundo, só tendo um pouco de louco mesmo. E os loucos esquecem.

Portanto, que não te esqueças meu filho. Pois o que se mostrará na tua face crescente, te revelará o que não quer, mas é necessário.

As andanças que surgiram, exigirão tua atitude. Aja. Não se entregue. Lute e não morra. E torça para que cicatrizes marquem apenas a superfície da sua pele.

APRESENTAMOS O POEMA

CONSCIÊNCIA

Por Arthur Rios Pinto

Arthur Rios Pinto, aos 21 anos, destaca-se como estudante dedicado de odontologia, nascido e criado no estado do Maranhão. Sua paixão pela arte da escrita permeia seus dias, revelando um aspirante a escritor comprometido com a expressão criativa. Com uma mente inquisitiva e apaixonada por histórias, Arthur busca transcender as fronteiras da odontologia, vislumbrando um futuro onde suas palavras e narrativas impactam e inspiram.

Dos confins abaçanados ela decide manifestar-se...
E não satisfeita apenas com a miserável resulta de sua presença; capaz de franzir a testa dos homens maus, aromatizar a muda dos assassinos, ressuscitar a chaga nos curados, sufocar o afago dos inocentes e deslizar o fel garganta a baixo nos que tem amargura, ergueu sua mão sombria, tocou-me sensualmente a garganta com seus lúgubres dedos e esganou a privança do sossego meu...
Derramou na minha boca uma dose doce e forte de palavras esdrúxulas embriagantes e trouxe à tona o lado desconhecido do meu cérebro introvertido.Teu ingente talento da forma ao engano e simula a veracidade da realidade em um só sussurro...
Mesmo desconhecendo a sorte de tua aparição, lástima ou dádiva, és formosa e sedutora tua nebulosa forma; meio mulher, meio vulto
De milhares; tu me aponta um. Apenas um pecado me recorda e já é capaz de tornar o meu ir e vir abominável.
Perco-me em pessoa e pensamento, até cansar de mim e, por raiva, me mato algumas vezes.
Mesmo extraindo-me as forças reativas, sinto que não devo desistir de mandar-te embora. Deixe de covardia. Duele comigo quando eu não estiver tão vulnerável. Tu bem sabe que em mim as emoções são mais fortes.
Mas, se acaso eu desistir, espero que não me acompanhe quando, enfim, meu pensamento se esfriar eternamente. Suplico que não atrapalhe meu sono profundo. Por que, alcançarte teu objetivo, conseguiste me levar do mundo.

APRESENTAMOS O POEMA

MELODIA DA SOLIDÃO

Por Clarice Zuffo

Clarice Freire Zuffo, 34 anos, natural de Caarapó - MS, se formou na Escola Estadual Dona Rosa Frigger Piovezan, cursou Letras - Português na Faculdade Educacional da Lapa (FAEL), cursou Artes Visuais no Centro Universitário Claretiano e Pós-graduada em Metodologia de Ensino de Língua Portuguesa e Sociologia pela Faculdade Venda Nova do Imigrante (FAVENI) e em Ensino de Artes - Técnicas e Procedimentos pela Faculdade Venda Nova do Imigrante (FAVENI).

Na vastidão do silêncio, ecoa uma canção,
A melodia suave da solidão a pulsar,
Notas sussurrantes, em compasso de solidão,
Cantam segredos que só o coração pode escutar.

No silêncio sereno, um canto ecoa,
Melodia sutil, na solidão a bailar,
Notas que flutuam suaves à toa,
A canção do silêncio a me encantar.

Cada acorde ressoa como um suspiro,
A harmonia triste, mas bela a se entrelaçar,
Na partitura invisível do meu retiro,
A melodia da solidão a me revelar.

Os acordes são tristes, mas belos de se ouvir,
Como um lamento suave ao anoitecer,
A melodia da solidão, a me envolver e a fluir,
Desvenda mistérios que só o ser pode entender.

Nessa melodia única, encontro um abrigo,
No compasso lento da solidão a tocar,
Desvelam-se sonhos, anseios, meu próprio sentido,
Na música da alma, que só a solidão pode criar.

APRESENTAMOS O POEMA

SOB O VÉU DO LUAR

Por Dark Filosófico

Rubens Santarpia Junior nasceu no dia 23 de maio de 1980 na cidade brasileira de São Caetano do Sul.

Morador atual da cidade de Vinhedo, escreve versos desde 1994, se formou em Educação Física em 2021, mas nunca abandonou o caminho literário.

No final de um entardecer ensolarado, no crepúsculo da noite, ele vem.

Como um véu que recobre a terra e pinta o céu à luz do luar, ele vem.

Diante dos olhos que observam a grandeza do criador se expressando em arte, ele vem.

Como um toque sutil na alma, como a paz de um espírito pós-guerra, ou simplesmente uma saudade, ele vem.

O amor é algo que nos une, que nos transforma e nos alimenta.

Nessas horas ele sempre vem.

APRESENTAMOS O POEMA

LIBERDADE

Por Etelvino Pilonetto

ETELVINO PILONETTO, nascido em 02/1956, natural de Rondinha/RS, em Sarandi/RS, Contabilista, Bacharel em Ciências Econômicas (UNICRUZ-Cruz Alta/RS), Medalha de Prata Concurso de Poesia CAPOLAT/2023, já participou de muitas antologias de poesias, pela Partenon Literário (Porto Alegre), Andross Editora, Illuminare Editora, Cavalo Café, Associação de Jornalistas e Escritoras do Brasil (AJEB), Revista Conexão Literatura, Casa do Poeta Latino-Americano-CAPOLAT, entre outras.

Liberdade, Liberdade, Liberdade.
Nós queremos falar.
Falar, falar liberdade.
Brasil, nós queremos liberdade,
Brasil, nós queremos falar.
Brasil, queremos liberdade.
.
Liberdade para manifestar,
Pensar, criticar, escrever..
Liberdade para ir e voltar.
Manifestar e opinar.

Liberdade, liberdade, liberdade.
O Brasil quer falar,
Liberdade para opinar,
Liberdade para chorar,
Liberdade para sorrir,
Liberdade para gritar,
Liberdade para gritar liberdade

Ah! Liberdade,
Como estás sendo maltratada.
Liberdade, Liberdade, Liberdade.

APRESENTAMOS O POEMA

OS AMANHÃS

Por Gabriela Carmo

Gabriela Carmo, 2000. Pseudônimo, Helena. Paulista, formou-se em Gestão Ambiental em 2022, mas a escrita sempre foi guia. Transitou entre espaços, cursos e trabalhos, tornou-se tarólogа e quer expandir conhecimentos. Participante e vencedora com um conto na Antologia de Ocultismo Bruxa Urbana, tem se dedicado aos rascunhos. À medida que escreve, quer aprender e ler de tudo, pois toda fagulha de inspiração é conteúdo. Hoje, busca se entregar com comprometimento a sua paixão, e deixar palavras por onde passar.

Josefa jaz nos cantos dos pássaros
Reverbera mensagens em sonhos
É longínquo o eco dos que desistiram
Pesado para os que estão perambulando
O que há depois do horizonte?
As mãos que cavam,
Unhas envergam, sofrem calados,
Temem idealizações
Olhos atentos, estão acordados
Trocando dia pela noite feito sabiás
Forçados a mudar para não padecer e piorar
Sol acende a racionalidade,
Sob holofote da realidade
Convidativo, nostalgicamente revivendo a mocidade
Pedras rolando, movimentos montanhosos
Humanos petrificados, esquecidos,
Apegados a tudo o que não foi dito
Antes da saudade encontrar seu horário
Crianças já entoam seus encantos
Há na vida lembranças de como é ser amado
Os balões cobrem o céu antes que chovam milagres
Pouquíssimos estão preparados para as próprias verdades.
Imigrando, águas subterrâneas,
Frustrações bordadas na Lua
Casco gasto, caminhando em círculos
Oeste deita-se cansado, me lembro de você a cada passo
Dos deleites, és os olhos mágicos em minha mente
Tens o balanço do afago.
Josefa sussurra amabilidades
O orgulho no Eu, do reflexo nascem divindades
Somos outros quando os Astros barram as vontades
As fortalezas construídas em tonalidades sanguíneas,

Ancestralidade em sina
Cristalinos, renascem para o próximo
Nada como o amanhã, batizando seus filhos
Divagando rumo a promessa do trono.
Confusão é nuvem passageira,
A vida demanda certas certezas
Corda bamba e equilíbrio de esperanças
O canto embala a noite
Afastando quando a crença de insuficiência apita
Esquecer o porquê de alguns desejos
Receber de bandeja os anseios
Dançar para afogar-se nas explosões sentimentais
Há tempo, o Sol não acordou, é permitido sonhar
Encarando os dias,
Ganhando cores com brilho de estrelas que fascinam
Apague com um sorriso as austeridades referidas
Sobreviva de forma íntegra,
Seja fiel a indulgência que lhe foi transferida
Josefa, a vi antes da partida.
Somos muito pouco de tudo o que prometemos
Os deuses também se cansam,
Ou não há nada a ser feito?
Bola luminosa movimentando ondas
Coração de globo, o que amo vai e volta
Jamais me solta, apego por tudo o que me toca
Marcando as paredes
Os pássaros trazem sinais proferidos em desespero
Ficas no âmago,
Não sabendo afeiçoar-se sem carregar um baú no peito.
Pedindo pouco, como ensinado
Presenças raras, chuva em terra seca, condenada
Apareces na janela, rosas no assoalho
Esporádico recado, permanece lendário

Josefa deixou avisado
Quando por sangue marcado
Estaremos para sempre ligados.

APRESENTAMOS O POEMA

FONTE (OUTONO)

Por Gabriela Carmo

Gabriela Carmo, 2000. Pseudônimo, Helena. Paulista, formou-se em Gestão Ambiental em 2022, mas a escrita sempre foi guia. Transitou entre espaços, cursos e trabalhos, tornou-se tarólogа e quer expandir conhecimentos. Participante e vencedora com um conto na Antologia de Ocultismo Bruxa Urbana, tem se dedicado aos rascunhos. À medida que escreve, quer aprender e ler de tudo, pois toda fagulha de inspiração é conteúdo. Hoje, busca se entregar com comprometimento a sua paixão, e deixar palavras por onde passar.

O Sol sempre irradiou de sua pele
Infância, teu brilho, aconchego puro
O berço terra em que nunca quis cortar raiz
Pátria a qual me prometi
Vivo implorando por aquecer-me e sentir.
No apagar do teu fogo
Fui a primeira a sentir o sangue congelando
Vivendo ao relento, sussurrando com o vento
Ser filha é árduo, trabalho em dobro
Curar minhas necessidades
Lembro-me que não moro mais em teu corpo
Cordões em meus pés
Adulta, dão voltas em meu pescoço
Passos curtos a agradam, nunca fujo
Infelicidade
Minha libertação salvaria ambos
Me deixe voar, faz frio há anos!
Viver em ambiguidade me deu habilidades
Depurando as paredes com memórias que nos machuca
Carrego, por crença e lealdade,
As dores de vidas passadas.
Palavras correm sem direção
Buscando por mim nessa escuridão
Dardos em cachos, desafiando fantasmas
Há ossos demais em nosso armário.
Polida por mãos calejadas
Histórias mal contadas, evitadas
Rios e ramificações, a procura do oceano
Na ingenuidade, fevereiro e maio
Uniões desgastadas, aniversários desperdiçados
Melancolia e seu gosto azulado
Apaixonei-me pela frieza por ausência de contato

A culpa, um desperdício,
Continua controlando tudo o que é dito.
Pulando etapa por medo das noites escuras da alma
Desmembrando emaranhados
Encontrando teu sol nos espaços
Vocábulos guardados, ações inacabadas
Você, quem eu mais precisava
Em ensinamentos silenciosos,
Porque dor não vem desacompanhada
Lembra-me com o olhar,
Avançar alto, acima de todo julgamento,
Como as mulheres em nossa família, destinadas a triunfar.

APRESENTAMOS O POEMA

CANETA COMPARTILHADA

Por Gerenilda Nogueira

Gerenilda Rodrigues, tem 46 anos, nasceu em Curitiba/PR no dia 06 de julho de 1977. É filha do sennhor Gabriel de Deus Correa e da Senhora Nogueira Correa . Se formou na Escola Djalma Carneiro da Rocha, cursou Letras na Universidade Faculdade Venda Nova do Imigrante (FAVENI)., formando-se em 2021. Pós Graduada em Metodologia de Ensino de Língua Portuguesa e Sociologia pela Faculdade Venda Nova do Imigrante (FAVENI).

Do escritório à sala de aula, sem barreira,
A caneta compartilhada é verdadeira parceira.
Viaja por páginas, cadernos e folhas,
Capturando suspiros, alegrias e escolhas.

A caneta viajante, histórias a contar,
Traça caminhos em cada lugar que passar.
De mãos em mãos, um testemunho fiel,
Das vidas que toca, um pedaço de céu.

Tinta que é fluída, em cores diversas,
Registra sonhos, lágrimas e conversas dispersas.
Testemunha silenciosa de tantos relatos,
Nas páginas da vida, onde ecoam seus atos.

Em mãos separadas, seu traço se transforma,
Desenhando sentimentos, onde quer que ela adorne.
Testemunha e cúmplice de momentos sem igual,
A caneta compartilhada, elo universal.

Seu corpo, de tinta e memórias repletas,
Registro de sonhos, alegrias, afeto.
Na escrita singela, um elo se faz,
Entre desconhecidos, um laço se traz.

Compartilhada e amada, por quem a conduz,
Cria laços invisíveis, costurando vínculos de luz.
A caneta, mensageira de histórias sem fim,
Guardiã de lembranças, eterno clarim.

Oh, caneta que viaja, sem se deter,
Símbolo de conexão, de escrever e viver.
Seu poder não é o que permite expressar,
Na magia de compartilhar e criar.

APRESENTAMOS O POEMA

ANGÚSTIAS

Por Ilka Meireles

Ilka Vanessa Meireles Santos nasceu em São Luís – Maranhão, em 1977. É graduada e mestra em Letras pela Universidade Estadual do Maranhão e atualmente cursa o doutorado em Letras pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – Campus Três Lagoas. É professora de Língua Portuguesa do Instituto Federal do Maranhão – Campus Santa Inês. Para a autora, a poesia está em tudo, é permitir apreciar e sentir o mundo com sensibilidade.

O vazio
O desatino
Uma névoa invade meu ser

Alma inquieta
Desalento
Tormento

Angústia:
Recordações povoam meus pensamentos
Algumas felizes,
Outras endossam a dor

Amarguras,
Sofrimentos - até quando?
Somos feitos de instantes instáveis

Remédio ou veneno?
Em qual deles está a cura?
A dor não sara nem morre
Apenas a-dor-me-ce.

APRESENTAMOS O POEMA

PARA NÃO DIZER QUE NÃO TE AMO

Por Ilka Meireles

Ilka Vanessa Meireles Santos nasceu em São Luís – Maranhão, em 1977. É graduada e mestra em Letras pela Universidade Estadual do Maranhão e atualmente cursa o doutorado em Letras pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – Campus Três Lagoas. É professora de Língua Portuguesa do Instituto Federal do Maranhão – Campus Santa Inês. Para a autora, a poesia está em tudo, é permitir apreciar e sentir o mundo com sensibilidade.

Para você não dizer que não te amo
Se meu pensamento reflete em ti
Se você faz parte do meu existir
Visto que é a você que eu proclamo

Para não dizer que o amor é insano
Se a minha razão circunda você
E não faz parte de nenhum clichê
Se você está sempre no meu plano

Confessas, amor, que você insiste
Em dizer simplesmente que eu não te amo
E que a sua apreciação resiste

Não me desanimo em dizer que te amo
Não desacredite do meu limite
É assim, meu amor, que eu te declamo

APRESENTAMOS O POEMA

O AMOR

Por Ilka Meireles

Ilka Vanessa Meireles Santos nasceu em São Luís – Maranhão, em 1977. É graduada e mestra em Letras pela Universidade Estadual do Maranhão e atualmente cursa o doutorado em Letras pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – Campus Três Lagoas. É professora de Língua Portuguesa do Instituto Federal do Maranhão – Campus Santa Inês. Para a autora, a poesia está em tudo, é permitir apreciar e sentir o mundo com sensibilidade.

Quando o amor surge,
Devora o desatento
Como um furacão que urge
Tomado de puro sentimento.

Enamorar-se é agir sem noção
Despe-se dos medos, da vergonha,
E dos mistérios do coração,
Razão de quem sonha.

No amor é só emoção,
Transpõe a barreira do impossível
Num ato de zelo e devoção,
Pulsar provável do coração.

Sentimento confuso é o amor
Mesmo para um bom escritor.

APRESENTAMOS O POEMA

DOCE INFÂNCIA

Por Ilka Meireles

Ilka Vanessa Meireles Santos nasceu em São Luís – Maranhão, em 1977. É graduada e mestra em Letras pela Universidade Estadual do Maranhão e atualmente cursa o doutorado em Letras pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – Campus Três Lagoas. É professora de Língua Portuguesa do Instituto Federal do Maranhão – Campus Santa Inês. Para a autora, a poesia está em tudo, é permitir apreciar e sentir o mundo com sensibilidade.

Quando me dei conta,

Meu menino sapeca cresceu

Seus pés descalços não trazem seus gritos de gol

E nem correm para dar pulos no colchão

Quando me dei conta,

As falas incompreensíveis,

Muitas vezes ditas entre risos,

Alimentavam o mundo de descobertas da diversão

Quando me dei conta,

Os sons da música do seu faz-de-conta silenciaram

Em que momento acabou o colorido de sua infância?

APRESENTAMOS O POEMA

SABIÁ NOSTÁLGICO

Por Mirian Menezes de Oliveira

Mirian Menezes de Oliveira é Mestre em Semiótica, Tecnologias de Informação e Educação – UBC – Mogi das Cruzes – SP. Especialista em Leitura e Produção de Textos – UNITAU – Taubaté – SP. Membro da REBRA – Rede de Escritoras Brasileiras dedica-se, atualmente, aos estudos de Fotografia e História da Arte, visando crescimento pessoal. Membro efetivo e correspondente de diversas Academias e Instituições, possui livros e participações em Antologias nacionais e internacionais, assim como poemas musicados em Projetos de Intercâmbio Cultural. Seus livros infantis e de poesia circulam por Salões Internacionais de Livros. É colunista e participa, com frequência, de publicações coletivas (e-books), em Revistas Eletrônicas de Literatura. Recentemente, concluiu Curso de Extensão Universitária, em História da Arte.

Sabiá, de tardezinha,
fica em cima do telhado.
O que há na cabecinha
deste ser tão encantado?

Sobe na casa vizinha;
repousa do espírito alado.
Nos olhos, duas luzinhas
de pássaro iluminado.

Sabiá olha o poente...
com olhar de nostalgia!
Desconfio que ele é gente...

que se entrega à cantoria!
Percebe-se a semelhança,
com nossa melancolia...

APRESENTAMOS O POEMA

NO RITMO DA BOSSA

Por Mônica de Aguiar Rocha

A autora é jornalista e revisora de texto. Nasceu no Rio de Janeiro, mas mora em São Paulo há quase 30 anos. Ama as duas cidades que, de tão diferentes, se completam. Seja como jornalista, seja como revisora, a palavra sempre foi o foco. Em sua trajetória profissional, como jornalista, começou escrevendo e seguiu, como revisora, burilando o texto.

Sou filha de um casal bossa nova.
Quase de um samba de uma nota só.
Fui concebida/preparada no balanço da bossa,
no ritmo de Jobim, Elizete, Sérgio Mendes, Vinicius.
Porque hoje é sábado.
E, porque hoje é sábado, vou deitar e rolar.
Garota de Copacabana.
Fevereiro de 1959.
O calor era infernal no Rio.
Meus batimentos se misturavam, acompanhavam as batidas do samba na Miguel Lemos.
O carnaval, solto,
nos blocos, fantasias, confetes, serpentinas.
Quase para dar meu salto mortal, minha entrada em cena.
A bolsa rompeu.
Sentia o frisson, os arrepios de estreia.
Meu pai, minha irmã, minha mãe,
todos me esperando
Copacabana
Rio de Janeiro
Brasil
Planeta Terra
Houston, we have a problem.

APRESENTAMOS O POEMA

EM MEIO ÀS NUVENS

Por Sellma Luanny

Brasileira e Médica Anátomo-Patologista, Sellma Luanny são prenomes e um dos pseudônimos da autora. Publicou três livros de poesia de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com o poema "Os Celtas E Eu" no Concurso de Poesia Céltica 2022, publicado no exemplar 10 de A Revista da Tradição Lvsitana; "Menção Honrosa" com o poema "Pelos Povos" no I° Concurso de Poesia Pagã 2023 (a ser publicado posteriormente). Tem participado de antologias em e-books editados pela Revista Conexão Literatura e em edições mensais desta revista. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra, incluindo o livro "Tributo A Você, Mãe" (com versão em Inglês).

Há vários dias em extensas horas
vejo-me em meio às nuvens.
A elas não me ascendi.
elas têm descido a mim...
Em incontáveis interpostas
brancas cortinas...
em um imensamente largo
e branco cortinado que molha e esfria
qualquer coisa que o desafia,
envolvem o meu casulo.

Mas no que toca a mim,
deixei-me embeber neste meio
pela visão apenas.
Vendo e aceitando
mas sem me deixar ser tocada.
Deixando-me ficar nesta clausura
e pela brancura, ser levada...
pacientemente... do Sol à espera.

A P R E S E N T A M O S O P O E M A

L E M B R A N Ç A

Por Sellma Luanny

Brasileira e Médica Anátomo-Patologista, Sellma Luanny são prenomes e um dos pseudônimos da autora. Publicou três livros de poesia de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com o poema "Os Celtas E Eu" no Concurso de Poesia Céltica 2022, publicado no exemplar 10 de A Revista da Tradição Lvsitana; "Menção Honrosa" com o poema "Pelos Povos" no I° Concurso de Poesia Pagã 2023 (a ser publicado posteriormente). Tem participado de antologias em e-books editados pela Revista Conexão Literatura e em edições mensais desta revista. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra, incluindo o livro "Tributo A Você, Mãe" (com versão em Inglês).

Subitamente, campos imensos
cobertos por alvos lírios...
uma ilusória enormidade,
trazida pela lembrança...
conduto de dor,
quando aguda saudade no peito geme.
Melancólica melodia...
transfiguração de um enigma mental.
Intervalo de relógio eterno
que cambaleantes passos
não acompanham.
De abominável pequenez...
corpo anérgico.
Simplesmente triste criatura!...
E a incerteza de ser um dia
mais que lembrada alvura.

APRESENTAMOS O POEMA

ENFIM LIVRES?

Por Sellma Luanny

Brasileira e Médica Anátomo-Patologista, Sellma Luanny são prenomes e um dos pseudônimos da autora. Publicou três livros de poesia de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com o poema "Os Celtas E Eu" no Concurso de Poesia Céltica 2022, publicado no exemplar 10 de A Revista da Tradição Lvsitana; "Menção Honrosa" com o poema "Pelos Povos" no I° Concurso de Poesia Pagã 2023 (a ser publicado posteriormente). Tem participado de antologias em e-books editados pela Revista Conexão Literatura e em edições mensais desta revista. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra, incluindo o livro "Tributo A Você, Mãe" (com versão em Inglês).

E neste ponto do Universo,
a certeza de genuinamente
privilegiados sermos todos...
Podemos nos dar as mãos...
e tudo e qualquer sonho,
construirmos... galhardamente,
obstáculos vencermos...
com fresco orgulho de unida família.

Mas, somos avessos a direitos iguais...
Impedimo-nos de amar...
salientamos diferenças...
Ignorantes e imprudentes,
da fraternidade, distantes...
Prepotentes... achamo-nos fortes...
Dominantes... chamamo-nos
"sangue azul"... e a nós próprios,
coroamos.

Mas o dia virá... em que iguais
seremos todos.
Desta casca e da brutalmente
desigual e cruel vida... todos livres.
Não mais ricos... nem pobres...
não mais escravos... nem senhores...
não mais donos...
nem dores.

Nada mais importará!
As futilidades... as mentiras...
as guerras com suas misérias...
os heróis... os covardes...

os falsos e suas falsidades...
Parte do mesmo pó
do mesmo vento...
na eterna solidão... tudo e todos.

APRESENTAMOS O POEMA

EXTREMOS

Por Sellma Luanny

Brasileira e Médica Anátomo-Patologista, Sellma Luanny são prenomes e um dos pseudônimos da autora. Publicou três livros de poesia de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com o poema "Os Celtas E Eu" no Concurso de Poesia Céltica 2022, publicado no exemplar 10 de A Revista da Tradição Lvsitana; "Menção Honrosa" com o poema "Pelos Povos" no I° Concurso de Poesia Pagã 2023 (a ser publicado posteriormente). Tem participado de antologias em e-books editados pela Revista Conexão Literatura e em edições mensais desta revista. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra, incluindo o livro "Tributo A Você, Mãe" (com versão em Inglês).

Parece claro como a luz do sol...
A nenhum ponto definido como
equilíbrio, centro, conexão... chegamos.
Zona de repouso, igualdade,
aceitação... não atingimos.
Por mais que alguns tenham tentado...
comunhão não encontramos.

Muito distantes de qualquer
possível unidade de seres ditos
inteligentes... parece... estarmos.
Brincando de adultos,
mas à imaturidade destinados... maré
pulando... e no egoísmo se temperando.
Que desconcertante realidade!

Essa dissociação... uma sina?
Ou herança da lenta e violenta
formação de um “ser”,
que ao polir arestas de "imperfeição",
só contradição manifesta?...
Distorcidas variantes, seriam?...
Ou a normalidade na complexidade?

Se evolução há... onde se completa?
E cultura... quando relevo começa a ter?
Em que ponto terá havido interface?
Por que no seu melhor, não se mesclam?
A garantir triunfo, num sincrônico
mas paralelo avançar
talvez unidade seja mera miragem.

E não se explicam, senão
por violenta ascensão... os extremos.
O grotesco a sobrepor ao refinado?
Embates e discórdias... e flutuante
o afastamento do centro.
Pessimistas e otimistas... estranha polarização.
A resultar na distância... nunca convergência.

CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO

SELO CONEXÃO LITERATURA

TENHA ACESSO AOS TÍTULOS DA COLEÇÃO: **CLIQUE AQUI**

VISITE: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR
CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA
CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOGRAMATICA
SIGA: WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA
INSCREVA-SE: WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD
E-MAIL: ADEMIR@DIVULGALIVROS.ORG

PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS. LEIA NOSSOS EDITAIS EM ABERTO: CLIQUE AQUI